



## A REPRESENTAÇÃO DE NATUREZA EM DANIEL MUNDURUKU: UM MERGULHO NO LIVRO SABEDORIA DAS ÁGUAS

### *THE REPRESENTATION OF NATURE IN DANIEL MUNDURUKU: A DIP IN THE BOOK WISDOM OF THE WATERS [SABEDORIA DAS ÁGUAS]*

**Damiana Pereira de Sousa**

Universidade Federal de Goiás (UFG)  
damiana.ufg@gmail.com

---

**Resumo:** A forma como os povos indígenas se comunicam com a sociedade nacional ganha uma nova força, a escrita. No decorrer do tempo os povos indígenas utilizavam apenas a oralidade para transmitir suas culturas de geração em geração. A Literatura Indígena contribui para a autoafirmação das tradições e da cultura indígena, autoafirmação étnica de denúncia de diversos tipos de espoliação e de registro da cultura das mais diversas etnias. Neste sentido, o foco que se apresenta nesta pesquisa consiste em investigar as representações de natureza presentes nas obras dos escritores indígenas, sobretudo na obra Sabedoria das águas de Daniel Munduruku, autor indígena que mais produziu em um contexto de protagonismo e resistência indígena. E também analisar se o conceito de natureza apresentado nas abordagens geográficas tem relevância ou não para a perspectiva de Daniel Munduruku. Esta pesquisa qualitativa foi desenvolvida com base na literatura revista acerca dos temas enunciados, leitura de obras de autores indígenas mencionados, visita a sites, blogs, páginas que apresentam informações e dados sobre a temática. Além de participação em encontro específico sobre Literatura, Geografia e Arte. Este trabalho é fruto da pesquisa realizada pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, financiada pelo CNPq.

**Palavras-chave:** Literatura Indígena. Geografia e Literatura. Escrita de Daniel Munduruku. Natureza.

---

**Abstract:** The way indigenous peoples communicate with national society gains a new force, writing. In the course of time indigenous peoples used only orality to transmit their cultures from generation to generation. Indigenous Literature contributes to the self-assertion of indigenous traditions and culture, ethnic self-assertion denouncing various types of plundering and registering the culture of the most diverse ethnic groups. In this sense, the focus of this research is to investigate the representations of nature present in the works of indigenous writers, especially in the work Wisdom of the waters of Daniel Munduruku, an indigenous author who produced the most in a context of indigenous protagonism and resistance. And also to analyze whether the concept of nature presented in the geographical approaches

has relevance or not to the perspective of Daniel Mundurucu. . This qualitative research was developed based on the revised literature about the topics mentioned, reading of works of indigenous authors mentioned, visits to websites, blogs, pages that present information and data about the theme. In addition to participation in a specific meeting on Literature, Geography and Art. This work is the result of the research carried out by the Graduate Program in Geography of the Federal University of Goiás, funded by CNPq.

**Keywords:** Indigenous Literature. Geography and Literature. Scripture Daniel Munduruku. Nature.

---

## Introdução

A partir de estudos realizados por estudiosos tais como: Almeida (2008), Susuki (2017), Claval (2007), entre outros, pode-se constatar a relevância de pesquisas geográficas sob a mediação ativa da literatura. Observou-se também que compõem essa vertente, trabalhos com as populações indígenas. Assim, a temática do presente estudo envolve tais povos e suas causas, tratando especificamente da Literatura realizada por indígenas.

Assim, a presente pesquisa visa, de modo geral, investigar as representações de natureza apresentadas nas obras dos escritores indígenas, especificamente as obras de Daniel Munduruku, sobretudo a obra “Sabedoria das águas”. A escolha de Daniel Munduruku se deu pelo fato de ser o autor indígena que mais produziu, ou seja, é o autor que mais publicou e vem se destacando no cenário nacional e internacional. Já ministrou palestras em vários países da Europa e já ganhou diversos prêmios, tais como o Jabuti. A obra “Sabedoria das águas” foi escolhida por se tratar de uma obra em que o autor destaca os elementos da natureza, ou seja, a natureza é centralizada na obra, assim, atende ao objetivo geral da presente pesquisa.

Analisou-se o conceito de natureza, que é um conceito fundamental da Geografia, enfatizando se tal conceito tem relevância ou não para a perspectiva de Daniel Munduruku. Nesse sentido, o problema da pesquisa consiste em responder a seguinte questão: como os escritores indígenas vêem a natureza? E para responder a essa questão pode-se recorrer a outros questionamentos,

tais como: como os escritores indígenas, sobretudo, Daniel Munduruku, representam a natureza em suas obras?

As reflexões ensejadas evidenciam a necessidade de conhecer o escritor indígena que é foco da pesquisa. Daniel Munduruku nasceu em Belém (PA), filho do povo indígena Munduruku, enfrentou todos os preconceitos de um indígena nas décadas de 1970 e 1980, passou de um garoto alfabetizado em uma escola missionária, a um dos principais escritores da literatura indígena brasileira, com 42 livros publicados. É formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia. Fez mestrado em Antropologia Social e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo. Esteve em vários países da Europa, participando de eventos e ministrando oficinas culturais para o público infantil. Atua ativamente de palestras e seminários nos quais ressalta o papel da cultura indígena na formação da sociedade brasileira.

Do principal corpo teórico da pesquisa, parte-se da ideia de natureza apresentada pela Geografia Crítica, ramo da ciência geográfica que se preocupa em fazer uma crítica radical à sociedade capitalista por meio do estudo do espaço. Nesse contexto, os estudos realizados por Milton Santos (1997) trazem essas reflexões e aponta que a natureza foi transformada em recurso, e como tal, divisível, transformável e monetarizada.

A natureza mudou sua posição no sistema espaço-temporal e sua relação agora não é mais proporcionar dádivas para satisfazer as necessidades humanas, mas tomada pelas técnicas e pela divisão social do trabalho, sendo, portanto, um recurso do processo de produção, satisfazendo as necessidades dos modos de produção. O autor especifica que o que é natureza depende de sua posição como elemento da totalidade espacial dinâmica e de sua relação com os outros elementos.

Santos (1992) reitera que a natureza é o continente e o conteúdo do ser humano, incluindo, os objetos, as ações, as crenças, os desejos, a realidade esmagadora e as perspectivas. Nesse sentido, pode-se observar que Daniel Munduruku apresenta como a natureza é vista pelos povos indígenas, pois para

esses povos a natureza sempre foi e continua sendo sua sobrevivência nos vários campos, inclusive espirituais.

Porém, com a transformação ocorrida como aponta Santos (1997) os povos indígenas passaram a ser totalmente afetados, perdendo aos poucos suas formas de sobrevivência, suas tradições, sua cultura, suas línguas. Ainda, Harvey (2011) faz um esforço para focar a categoria de natureza, assim, trata da questão da influência humana sobre a natureza, evidenciando que a destruição criativa ocorre em geral devido a dominação triunfal do ser humano sobre a natureza. Salaria que o ser humano não domina efetivamente a natureza haja vista que as consequências ambientais e a extinção de espécies de animais e vegetais repercute na vida do ser humano. Isso não quer dizer que a natureza é vingativa, nem hostil ou reativa, mas compreende o funcionamento do planeta – e de tudo que possui organismo.

Desse modo, o embasamento teórico-metodológico a ser construído para o entendimento analítico do objeto da pesquisa caminhou no sentido de compreender de forma ampla as representações de natureza apresentadas nas obras dos escritores indígenas, sobretudo na obra “Sabedoria das águas” de autoria de Daniel Munduruku.

### **Sabedoria das Águas: a representação de natureza em Daniel Munduruku**

Munduruku inicia a obra “Sabedoria das águas” evidenciando os mistérios que assombra o personagem principal, o indígena Koru, mostrando as indagações feitas pelo mesmo, sobre os mistérios do rio Tapajós, tais como: “Ele sempre segue seu rumo e não para nunca”, “Ele não se preocupa com o que pensam dele os peixes, as plantas aquáticas, as capivaras que atravessam de uma margem para outra, os homens que singram as suas ondas... Segue sempre do mesmo jeito, guardando a sabedoria que aprende com suas viagens ao longo do universo”. Munduruku (2004, p. 5). Nesse trecho, o personagem está se referindo ao rio Tapajós. Pode-se com esse trecho observar que o autor trata

os elementos da natureza (o Rio) como um mistério. Nesse sentido, observa-se que a natureza para este autor indígena será abordada a partir da perspectiva do imaginário de seu povo, de sua tribo, os Mundurukus.

Bachelard, 1989 traz uma concepção diferente das águas, não a tratando somente como matéria, ou como uma abordagem simplista do meio para a sobrevivência. Assim, observa-se que a relação que o indígena Koru tem com o rio Tapajós conota uma analogia como a perspectiva de Bachelard, pois o autor aponta ainda que as águas possuam significâncias e significados, elas possuem vozes, cheiros, cores, sabores... (Bachelard 1989). O autor classifica as águas em: águas profundas, que são águas dormentes, águas mortas e águas pesadas, num devaneio de Edgar Poe, o qual fala da alegria e da dor que existem nas lembranças e na contemplação diante das águas, sendo elas claras ou escuras. E, a personagem demonstra essas impressões ao contemplar as águas do rio Tapajós.

Desse modo, observa-se que o personagem Koru vive essas experiências no rio Tapajós, ele o contempla e deposita em suas águas toda sua esperança de encontrar as respostas que tanto almeja. Porém, ao levar em consideração os apontamentos de Bachelard quando ele dispara que pode-se pensar e viver as águas, intimamente, entre devaneios e sonhos, não estaria Koru sonhando? Pois no desfecho da história mostra que os dois personagens (Koru e sua esposa Maíra) acordam com a sensação de ter vivido um pesadelo e não há elementos na narrativa que mostrem que tudo não tenha passado de um sonho.

Bachelard, 1989 aponta ainda algumas reflexões sobre a palavra rio, uma palavra de extrema relevância para a análise, para ele a palavra rio é uma daquelas palavras que se acham em pleno despertar, que em francês é *revivère*. Reiterando que se pensarmos foneticamente na brutalidade sonora desta palavra, compreender-se-am que a palavra *revivère* é a mais francesa das palavras. É uma palavra que se faz com a imagem visual da margem, imóvel que, no entanto não cessa de fluir.

Nesse sentido, as angústias de indagações da personagem de Munduruku sobre os mistérios das águas do rio Tapajós pode apresentar algum vínculo com esses apontamentos feitos por Bachelard, todavia, são apenas conexões apontadas, deixando em aberto para outras interpretações.

Por conseguinte, vale destacar alguns dados sobre o rio Tapajós<sup>1</sup>, que segundo o grupo de estudos Tapajós é um rio que nasce no estado do Mato Grosso, banha parte do estado do Pará e deságua no rio Amazonas. Tem 1.930 km<sup>2</sup> de extensão territorial. O nome Tapajós é originário de uma tribo indígena as suas margens. Tem sua origem na confluência dos rios Juruema e São Manuel. É no estado do Pará que se encontra a maior parte de seu percurso. Abrange no entorno de 6% das águas da bacia amazônica. Seus principais afluentes são: Jamanxim, Crepori, Juruema, Arapiuns, Cururu e o rio das tropas. Apresenta águas de coloração azulada, esverdeada ou cristalina dependendo da região. Seu território abrange 10 municípios e são municípios de grandes territórios para os padrões nacionais.

Assim no decorrer do tempo o processo de desmatamento na região se intensificou e em resposta a esse processo a partir de 2006 houve um expressivo aumento da área de conservação ambiental formalmente instalada, tornando a bacia à maior área protegida em âmbito federal no país, sendo hoje, 19 unidades de conservação integral, sustentável e terras indígenas.

O estudo aponta que considerando a delimitação traçada para a bacia hidrográfica do Tapajós são registrados atualmente 13 povos indígenas, com diferentes status de reconhecimento jurídico. Assim, os Munduruku destacam-se, tanto pela população quanto pela organização política. Outras etnias presentes na região são: Arapium, Borari, Maytapu, Cara preta, Apiacá e isolados. Cabe destacar também, no âmbito da bacia, as comunidades quilombolas.

No que diz respeito aos conflitos socioambientais na bacia, se da pelas interações históricas e políticas e o planejamento e implantação de novos

---

<sup>1</sup> [http://www.grupodeestudostapajos.com.br/site/wp-content/uploads/2014/04/Sumario\\_AAI.pdf](http://www.grupodeestudostapajos.com.br/site/wp-content/uploads/2014/04/Sumario_AAI.pdf)

empreendimentos inserem outros atores e diferentes interesses, dinamizando e intensificando conflitos já existentes. Dentre os principais projetos previstos para a bacia, destacam-se, as grandes e pequenas centrais hidroelétricas. Só que a construção dessas barragens implica em vários impactos na região, sobretudo para a rica biodiversidade presente. E, claro para a cultura e modo de vida dos povos indígenas. Um exemplo é o projeto de construção da usina de São Luiz do Tapajós, projeto iniciado em 2015 e arquivado em 2016. Se construída essa usina será considerada o maior complexo do Tapajós. Além disso, se construída essa usina formará um reservatório que se estenderá por 123 km do rio Tapajós e outros 76 km do rio Jamanxim. Com isso, cerca de 376 km<sup>2</sup> de floresta irá desaparecer do mapa impondo a mobilização forçada de povos indígenas e ribeirinhos.

Ocorre também a ampliação da malha viária; expansão do plantio de soja e da pecuária de corte; construção de portos graneleiros; mineração; os programas de assentamento e de desenvolvimento agropastoris, bem como a criação e o fortalecimento das políticas de controle ambiental, regularização do garimpo e ações de controle do desmatamento. Em síntese, os conflitos na região envolvem questões fundiárias, pressão sobre áreas protegidas, fragilidade na gestão pública e territorial, conflitos de uso dos recursos naturais e desenvolvimento regional, conflitos com povos indígenas e populações tradicionais. Esses conflitos envolvendo os povos indígenas e as populações tradicionais abarcam os conflitos étnicos e culturais, a afirmação e efetivação de direitos civis, e as disputas políticas e territoriais.

Um detalhe relevante para este trabalho é que o rio Tapajós é considerado sagrado para os Mundurukus, pode-se concluir a escolha desse cenário para a narrativa.

### Localização do Rio Tapajós



Fonte: CPRM dados físicos IBGE e BASEMAP ESRI, 2019

Logo, pode-se a partir destes apontamentos físicos do rio Tapajós observar a conexão do lugar físico com esse trecho da fala da personagem, pois ele questiona “Será que ele (rio) sabe mesmo todas as coisas, como dizem nossos velhos? Haverá algo que ele ainda não nos revelou? Saberá responder as coisas que vi? Poderá clarear minha mente para que eu possa entender meus tormentos?” Munduruku (2004, p.5). Assim, a personagem revela as convicções de sua tribo, apontando que a tribo acredita que os elementos da natureza são seres que possuem muita sabedoria, tal como o rio Tapajós. Vale ressaltar que os estudos realizados por Bachelard aqui citados, são apenas sobre as águas e não de todos os elementos da natureza.

Com a leitura atenta da obra é possível compreender que para esses povos indígenas a relação com a natureza é tão profunda que chegam a conversar com seus elementos, por exemplo, a esposa de Koru pergunta se o marido já perguntou para o rio se ele (o rio) entenderia o que indígena estava sentindo. A relação com a natureza é muito intensa, pois a natureza é simplesmente a fonte de sobrevivência desses povos. No que diz respeito, por exemplo, à obtenção dos alimentos e a proteção contra doenças, depende das relações travadas com esses espíritos da floresta.

Por conseguinte, a concepção de natureza que Munduruku utiliza em sua obra é essa visão de natureza como a “grande mãe” que os índios guardam suas lembranças, suas vivências e constroem suas histórias. Essa relação é tão intensa que especialistas apontam que as comunidades indígenas são modelos inspiradores de vida sustentável. Isso porque os povos indígenas extraem da natureza sua sobrevivência.

Neste contexto, torna-se relevante fazer alguns apontamentos sobre as concepções de natureza, pois todas as transformações sociais, como por exemplo: a invenção da agricultura, a domesticação de plantas e animais, as inovações técnicas e, inclusive, as formas e ideais implicaram e impactaram a natureza, todavia nenhuma impactou tanto como nessa fase com o avanço da ciência e dos saberes, como a física da relatividade; a física quântica e a nanotecnologia.

Com tudo, aumenta a capacidade enxergar o universo; de conectar os campos de negócios; as esferas do saber, como por exemplo: a medicina, a informática, a engenharia, a gestão. Transformam a natureza e conseqüentemente criou-se a miséria existencial, o adoecimento, ou seja, as enfermidades do planeta, das relações, dos sujeitos e a violência.

Assim, devem-se apontar alguns elementos decorrentes desses fatos; mudanças no funcionamento químico e biológico – alteração de gens; fusão; mudança do metabolismo e invenção da agrobiodiversidade e extinção – erosão genética. Pois, a ciência aumentou a capacidade do ser humano dominar a

natureza, com isso pode-se destacar alguns sentidos, são eles: mercantilização da luz; da água; das ondas; uma fusão entre várias ciências, tais como: química, biologia, física, células, gens, átomos e os epistemicídios.

A personagem principal da obra, o indígena Koru, está passando por um momento complicado em sua existência, pois viveu uma experiência na floresta com determinados espíritos e os demais habitantes de sua aldeia não acreditaram no que ele contou com isso, o indígena está disposto a provar que está dizendo a verdade e em uma fala do indígena, é possível perceber que o conceito de natureza, ou melhor, a natureza é vista de fato como uma mãe, pois Koru dispara “Eu quero respostas! Minha Mãe-Natureza, dona de todo o conhecimento do céu e do chão, de dentro e de fora de tudo, eu quero respostas”. (MUNDURUKU, 2004, p.8).

O personagem aponta a natureza como a dona de todo o conhecimento, ou seja, aquela que sabe de todas as coisas. Em outro trecho “A minha tradição me ensina a falar com os espíritos que te protegem Mãe-Natureza. Ela diz que tu tens respostas para todas as perguntas. Então, responde logo, senão eu enlouqueço de verdade” (MUNDURUKU, 2004, p.8).

Em outros momentos da leitura é possível identificar a descrição da natureza feita pelo autor, ele descreve-a com uma beleza mágica ao revelar o contato do personagem com dois animais da natureza, vejamos em suas palavras.

O barulho das asas batendo tirou koru de sua concentração. Olhou para trás e se deparou com um gigantesco gavião-real de muitas cores como nunca havia visto durante toda sua vida de guerreiro. Koru se assustou e armou a flecha em seu arco, pronto para o ataque. A ave parecia parada em pleno vôo, com olhos fixos no guerreiro. Koru não sabia se atirava ou admirava a mágica beleza do passado. Ficou totalmente paralisado quando viu sair de trás de uma grossa árvore uma onça inteiramente branca. A alvura do felino contrastava totalmente com o início da noite. Koru apontou imediatamente a flecha para o animal, que rosou com grande força e se atirou na sua direção. Koru não teve tempo para nada, mas ficou pasmo ao notar que a onça não o atacou... Koru ficou atordoado com esse estranho ataque. Dentro de sua cabeça, ficou o zumbido de uma voz que lhe repetia constantemente: “Ouve o rio... ouve o rio... ouve... vai até onde não tenha gente e se deixe mergulhar na sabedoria da águas”. (MUNDURUKU, 2004, p.9).

A narrativa feita pelo autor da beleza dos seres da natureza e o mistério apontado de fato demonstra a concepção de natureza “natural” de natureza intocada, bela e fornecedora de tudo que é necessário para a sobrevivência dos seres que dependem dela, e não só da sobrevivência, mas também de tudo que existe entre o céu e a terra. Assim sendo, pode-se indagar, o autor apresenta a natureza com a função de Deus? A natureza tem as respostas para todas as coisas?

Com a continuação da análise é possível responder aos questionamentos apontados anteriormente, pois o autor em toda a narrativa apresenta elementos que mostram que a natureza é vista como a dona de todo conhecimento, que a natureza é a fornecedora de todas as respostas para a personagem, o indígena Koru. A certeza na sabedoria das águas do rio Tapajós é tão forte que o indígena Koru e sua esposa Maíra embarcam em busca de desvendar os mistérios que assombra o guerreiro.

Portanto, Munduruku com o seu livro Sabedoria das águas pretende ensinar o que as águas têm de sabedoria. Qualquer forma de vida tem a ação das águas, as espécies de flora e da fauna têm, portanto, a ação da água. O próprio corpo humano tem 70% da água. Água é um termo que deve ser falado no plural, águas, as águas da chuva, as águas do ar, as águas dos lagos, dos rios, as águas dos mares, as águas dos lençóis e a água do corpo humano. O mundo da água se intercambia a uma solidariedade e uma retroalimentação entre todas as águas. O planeta terra é aquático, 70% de sua superfície é contido de água. A água ensina as várias possibilidades de uso, o banho paracepica o batismo, saciar a sede, fazer a comida, molhar a plantação, estabelecer o metabolismo orgânico de tudo que existe. O bebê é guardado na água do útero, o esperma que fecunda tem uma forma parecida com uma forma líquida. A água, portanto, contempla várias atividades que existem.

A sabedoria das águas também se dá com movimento, o movimento das marés, o movimento das nuvens, o movimento dos rios. A água existe em movimento. É também da sabedoria da água a limpeza, a pureza, a germinação, a fecundação.

Assim, o foco narrativo volta-se para o mistério que atormenta a personagem principal, é o momento em que é revelado ao leitor tudo que aconteceu para a personagem se sentir atormentada e buscar respostas na sabedoria das águas. No entanto, pode-se indagar o que atormenta tanto a personagem? É nesse momento da narrativa que o autor revela para o leitor o que atormenta o indígena Koru.

Koru e outros guerreiros estavam na floresta como sempre faziam e algo estranho acontece, e cada guerreiro segue direções opostas, isto porque não haviam realizado o ritual do perigo, conta o indígena. Ou seja, a personagem passa por uma experiência na floresta que ninguém na aldeia acredita e o mesmo sente-se no dever de provar que está falando a verdade, pois é uma questão de honra, provar para todos que não é um covarde. Assim, a natureza é apresentada também como aquela portadora de muitos mistérios, quem são esses seres que aparecem para a personagem? Por que os outros caçadores não as viram? Apenas o Koru? Será ele o escolhido para algo?

Dessa forma, o conceito de natureza apresentado por Munduruku, pode ser conectado ao conceito de natureza apontado dentre dos estudos geógrafos como sendo a primeira natureza, ou seja, a natureza intacta, aquela que o ser humano não modificou, não transformou, aquela que fornece todos os elementos para a sobrevivência de qualquer povo, de qualquer ser vivo. Ou seja, o ambiente terrestre não alterado pela ação social.

Diversos geógrafos realizaram estudos sobre o conceito de natureza, com o intuito de compreender como ocorre a relação sociedade-natureza. Assim, pode-se compreender a primeira natureza como o “mundo natural” não incluindo os objetos construídos pelo ser humano. Hoje há vertentes que discordam desse enfoque, pois o metabolismo da natureza foi modificado pelas ações sociais, inclusive os genes, as moléculas e os dispositivos químicos.

O debate acerca desse conceito é amplo e para alguns autores a natureza na esfera geográfica pode ser compreendida como duas, a primeira e a segunda natureza. A primeira natureza seria como já mencionada neste trabalho, àquela que ainda não foi modificada pelo ser humano. Já a segunda natureza conforme

Santos (2006) é tudo que é transformado pelo ser humano, ou seja, a evolução das técnicas, o que ele chama Meio-Técnico-Científico-Informacional. O autor aponta que esse período informacional ocorreu a partir da década de 1970, ocorrendo também o crescimento das redes geográficas e o acirramento do processo de globalização entre outros fenômenos. Destarte, a natureza passa a ser apropriada pelo ser humano, transformada.

Santos (2006) nesse estudo concebe o espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações. Assim, o autor aborda o conceito de espaço, a partir da perspectiva da natureza. Isto é, apresentando o conceito de natureza na perspectiva geográfica, visando analisar todas as relações existentes entre o ser humano e o meio físico. Com tudo, pode-se observar que a obra Sabedoria das águas, não aponta uma leitura de natureza partindo desse ponto de vista. A natureza nessa obra aparece como algo mágico, intocável, poderoso, misterioso. Ou seja, ela alcança, em palavras teóricas, o grau de significação. E, assim, procedendo, é um elemento espiritual. As narrativas encantadas se fazem unindo ficção e espiritualidade.

Sendo assim, constata-se que essa visão de natureza apontada pelos geógrafos não se encaixa com a representação de natureza apresentada por Daniel Munduruku em sua obra. Munduruku trata a natureza buscando manter as tradições de seu povo, em sua Literatura ele busca evidenciar isso. Mostrar a importância que ela (natureza) tem para os povos indígenas. Em toda a obra Sabedoria das águas, o autor trata da natureza como algo sagrado.

Essa representação de natureza apontada pelo autor pode-se remeter aos aspectos culturais e até mesmo a forma de organização social dos Munduruku, por exemplo, os nomes dos clãs dos Munduruku correspondem a diferentes elementos da natureza, como árvores, pássaros e mamíferos, que fazem parte da rica cosmologia dos Munduruku, estando, inclusive, muitas vezes presentes nas narrações e canções tradicionais que explicam o mundo e as

relações do ser humano dentro dele. Tais informações podem ser verificadas no site Povos Indígenas do Brasil<sup>2</sup>.

Outro aspecto importante que os Munduruku relacionam com a natureza é o aspecto religioso, a religiosidade está presente, na verdade, em todos os aspectos da vida cotidiana dos Munduruku, regendo as relações com a natureza, as práticas do mundo do trabalho e as relações sociais. Desse modo, observa-se a relação que o guerreiro Koru e os demais guerreiros que fazem parte da narrativa têm com os seres que habitam a floresta.

Portanto, a representação de natureza presente na obra Sabedoria das águas do escritor indígena Daniel Munduruku, é exatamente a representação de natureza que o movimento dos povos indígenas luta para permanecer, a luta dos povos indígenas pela sua sobrevivência, pois alterando a natureza com o processo de desenvolvimento econômico, ou seja, a transformação da primeira natureza em segunda natureza. A preocupação do autor com sua obra literária é abrir o leque de possibilidades, adentrarem nas lutas do seu povo com a força da sua escrita. Luta que visa manter a Mãe-Natureza intacta, provendo tudo que esses povos precisam para sobreviver.

Pode-se observar que a natureza é representada como algo que possui um valor inestimável e os povos indígenas seriam os guardiões deste tesouro e de todo saber ancestral a ele relacionado. Observa-se também, na obra analisada, certa preocupação do autor em mostrar uma representação de natureza humanizada e destacar a harmonia que marca o viver indígena na floresta. Logo, o autor explora, por exemplo, imagens do indígena Koru e sua esposa Maíra, como seres que não se cansam de contemplar os mistérios da natureza, seres que depositam todas suas expectativas na natureza, representa simplesmente toda a sabedoria.

Pois bem, observando esse panorama é possível identificar os ensinamentos sobre como se deve cuidar e relacionar com a natureza, o que pode-se mostrar nos discursos pedagógicos contemporâneos e as

---

<sup>2</sup> <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>

preocupações com o ambiente e o planeta. Munduruku utiliza da caneta para expor suas preocupações com o avanço que a devastação na natureza se encontra, o intenso desmatamento que está afetando o habitat de vários povos indígenas e várias espécies de animais e vegetais. Todo esse processo de transformação deletéria da natureza em prol do desenvolvimento econômico.

Esta análise considera os contextos em que a obra foi escrita, o enredo, as personagens e o desfecho da história, as ilustrações que são abundantes e bastante coloridas para atrair potenciais leitores. Assim, observa-se que o contexto em que Daniel Munduruku escreveu essa obra aponta elementos que evidenciam suas preocupações com a devastação ambiental e com as causas dos povos indígenas do Brasil.

Assim, o contexto da escrita da obra contribui para a representação de natureza apresentada pelo autor. Ou seja, mostrar como os povos indígenas vêem a natureza e como esses povos luta para mante-la protegida de todas as ações humanas que estão afetando-a.

No que diz respeito ao enredo, observa-se que a narrativa volta-se totalmente à busca do indígena Koru pela verdade, sua determinação em achar as respostas que tanto o perturbam. Isso ocorre porque durante uma caçada Koru passou por uma experiência estranha na floresta. Ao revelar para os outros guerreiros o que viu na floresta, ninguém, com exceção do pajé e sua esposa Maíra, acredita nele e como castigo Koru é proibido de participar da caça anual da aldeia. Com isso, o indígena fica extremamente desonrado e humilhado por seu próprio povo. E com o intuito de provar que estava dizendo a verdade, Koru parte com sua esposa nas águas do rio Tapajós em busca de respostas. Com essa atitude Koru tinha certeza que encontraria todas as respostas e acabaria com seu tormento.

Assim, o enredo revela a relevância que a natureza tem para esses povos. A intensidade da relação que esses povos têm com o os seres da natureza, e ao pensarmos nessa relação, deve-se atentar-se para o fato de que a natureza não

se apresenta de forma homogênea e, sim, de ser composta por uma variedade de espécies de animais e vegetais.

Diante disso, entende-se o porquê dos povos indígenas terem uma relação tão intensa com a natureza e o enredo da obra aqui analisada mostra bem isso. Sobretudo, por eles (povos indígenas) terem conseguido desenvolver formas de sobreviver. Possuem um crédito histórico de terem manejado os bens naturais de forma branda, souberam aplicar estratégias de uso dos bens que, mesmo transformando de maneira durável, não alteraram seus princípios de funcionamento e nem colocaram em risco as condições de reprodução.

Logo, observa-se que a representação de natureza que os povos indígenas constroem está, de fato, associada à visão de Mãe-natureza, aquela que fornece todo o alimento e ao mesmo tempo aquela a quem deve-se proteger, cuidar. E, também aquela cheia de mistérios e que tem a resposta para tudo. Diferente do sentido de mãe-natureza para correntes esotéricas, o sentido de mãe, para os indígenas, se efetiva na vida diária, em que o rio e as águas são representadas e concretizadas na vida inteira.

No entanto, conforme o site povos indígenas do Brasil, essa concepção hegemônica de natureza que é própria do mundo ocidental moderno, a natureza como algo funcional, é totalmente diferenciada dos povos indígenas. Por isso, o que os povos indígenas têm a dizer sobre o assunto é algo muito diferente.

Segundo o site, as concepções de natureza que esses povos têm variam bastante, pois cada povo tem um modo particular de conceber o meio ambiente e de compreender as relações que estabelece com eles. No entanto, a ideia comum a todos, é a ideia de que o “mundo natural” é antes de tudo uma ampla rede de inter-relações, entre agentes, sejam eles humanos ou não humanos. E, isso significa dizer que o ser humano está sempre interagindo com a “natureza” e assim, esta não é jamais intocada.

Ainda conforme o site dos povos indígenas do Brasil, os povos indígenas mesmo não sendo “naturalmente ecologistas” eles têm a consciência da sua dependência, não apenas física, mas, sobretudo cosmológica, no que diz

respeito ao meio ambiente. Por esta razão, desenvolveram formas de manejo dos recursos naturais que tem se mostrado fundamentais para a preservação das vegetações do Brasil.

Esse fato é visível nas regiões onde o desmatamento tem avançado com maior rapidez. Em levantamento do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) as terras indígenas aparecem como verdadeiros oásis de florestas<sup>3</sup>.

Diante desses apontamentos, pode-se reforçar que o enredo da obra Sabedoria das águas de Daniel Munduruku apresenta a concepção de natureza vista como algo poderoso, pois o protagonista da história considera que a águas do rio Tapajós lhe dará todas as respostas, respostas que ele precisa para mostrar para os outros guerreiros que estava falando a verdade. A sabedoria se encontra nas águas deste rio.

Já o desfecho da narrativa, evidencia essa concepção de natureza, pois ao chegar nessa parte o autor enfatiza que é o momento do banho de sabedoria, ou seja, o momento em que as águas do rio Tapajós mostrarão toda a verdade para Koru. Nesse sentido, pode-se observar a posição em que o rio é colocado pelo o autor, uma posição que demonstra muito poder. Isso fica claro na seguinte fala das personagens: “E agora, o que vais fazer Koru? – Perguntou Maíra. Esperar. O momento do meu encontro com a verdade das coisas será ditado pela água do rio.” (Munduruku, 2014, p.23).

Em outra parte da conversa entre as personagens pode-se observar a perspectiva religiosa da narrativa, Maíra dispara para o esposo:

Tu reparaste como o céu é bonito? – disse, e sem esperar resposta, acrescentou: - Nossa tradição conta que nosso primeiro Pai veio de uma estrela dourada. Ele viu a beleza de nossa terra e resolveu descer para criar um paraíso aqui. Tu acreditas nisso? – Talvez nossa tradição tenha razão ao afirmar isso, Maíra. Há muitos mistérios em nossas vidas. Nós estamos cercados por seres animados que nos dizem que há mais coisas para acreditar do que o que nossos olhos vêem. De que outra maneira se poderia entender os rituais para a Mãe-Natureza? Se ela não entendesse o que estamos fazendo, não sentiríamos vontade de fazer? (MUNDURUKU, 2004, P.24)

---

<sup>3</sup> [https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios\\_e\\_o\\_meio\\_ambiente](https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios_e_o_meio_ambiente)

Portanto, os munduruku valorizam e muito suas tradições, não permitindo que outras religiões, outras crenças se espalhem pelo seu povo. Na seqüência de falas das personagens Koru e Maíra esses apontamentos se confirmam, pois as personagens indagam que nem sempre é possível compreender todas as coisas, e que nem sempre é necessário compreender tudo que se faz, que acreditam em quem os ensinam os mistérios da vida.

Não é a todos que é dado comunicar-se com os espíritos da sabedoria. Há gente de nosso povo que fala com os espíritos e outros que precisam dessas pessoas para saber o que Eles têm a nos dizer. Sem os pajés, como poderíamos viver? Quem iria apaziguar os espíritos? Quem iria nos curar? (Munduruku, 2004, p. 25.)

Portanto, a personalidade do pajé representa a figura que ouve os espíritos e transmite os ensinamentos para os demais. Fato já mencionado neste trabalho, no entanto, vale reforçar, pois o desfecho da narrativa retoma essa questão. Destarte, o desfecho foca na questão da espiritualidade e na sabedoria das águas do rio Tapajós. Em uma espécie de sonho o rio revela pra Koru o que ele havia visto naquela noite na floresta. E, faz uma proposta ao guerreiro:

Pretende-se conhecer a verdade das coisas, o principio de tudo, precisas mergulhar nas águas do rio e deixar que ele te lave e te leve para seu leito, em suas profundezas. Lá há mais coisas a descobrir do que a tua mente pode alcançar ao longo da tua vida inteira. Podes ir se quiseres, agora. Podes dominar todo conhecimento do mundo. Koru quis saber mais. Poderei saber o que aconteceu no principio de tudo? Saberás até antes do principio. Sabedor disso terá riqueza, fama, respeito e poder. Que tipo de poder terei? Indagou Koru. Darás vida e morte a quem quiseres. Todos te respeitarão. Serás o mais poderoso dos homens. (Munduruku, 2004, p. 27)

Observa-se que o ser que aparece para Koru e lhe conta toda a verdade é um espírito de outro mundo, oferecendo-lhe poder e riqueza. Assim, a natureza representa um poder sobrenatural, um poder que está acima de todas as coisas. No entanto, o desfecho final revela que esse poder não é sinônimo de felicidade, pois para Koru ter acesso a todo esse poder, ele teria que renunciar a sua esposa e a sua família, seus entes queridos da aldeia. Ou seja, esse poder que é oferecido a Koru trás conseqüências para quem aceita possuí-lo. Os seres que Koru viu na floresta, são justamente seres que aceitaram possuir esse poder e se tornaram totalmente solitários.

Nesse momento, a narrativa voltar-se-á para a esposa de Koru, Maíra, pois ela que chama atenção para o preço que ele pagaria se aceitasse tal proposta e até mesmo o espírito que faz a proposta destaca a sabedoria de Maíra:

Não queiras saber mais do que precisas, Koru. Busca a verdade do que viste. Não buscas a verdade do mundo, queres apenas a tua verdade, para não mais ser tratado como um louco pelos teus parentes. Ele ainda não te disse o preço que terás que pagar por isso. Tua mulher é sábia. Para alcançar a sabedoria do mundo deverás renunciar ao amor dos teus e tua mulher será levada conosco. Este é o preço para quem quer ter a verdade do mundo: dominarás a todos, mas estarás sempre sozinho. Caminharás como um felino que terá sempre de matar sua presa, pois não sabe conviver com ela; terás prestígio, mas viverás na solidão do teu poder. Mergulhas? (Munduruku, 2014, p. 28)

Assim, Koru decide não aceitar a proposta, opta por não abrir mão de sua amada, opta por não abrir de sua família. É exatamente nessa última conversa que Koru entende a importância dos ensinamentos de seu povo, de sua tribo, de sua esposa. Nesse contexto, deve-se ressaltar que o autor ao escrever sobre o dilema que Koru teve que enfrentar, está também evidenciando os dilemas que os povos indígenas enfrentam com o processo de modernização conservadora, pois eles têm que decidir se ficam em suas aldeias ou se vão para a cidade grande, ou seja, deixam suas raízes e se aventuram no novo.

Desse modo, a natureza na obra “Sabedoria das águas” é representada como algo que possui valor inestimável, e os indígenas são guardiões deste tesouro e de um saber ancestral a ele relacionado. Observa-se na obra analisada, certa tendência à representação humanizada da natureza e também certo apelo à harmonia que marca o viver indígena. Dessa forma, o autor explora, por exemplo, imagens do indígena Koru contemplando as águas do rio Tapajós, ou seja, contemplando o esplendor da natureza.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Após leituras, pesquisas, estudos, análises e reflexões realizadas sobre a temática Literatura Indígena, objetivando identificar as representações de natureza presentes na obra “Sabedoria das águas” de Daniel Munduruku, pode-se destacar os resultados alcançados nesta pesquisa.

Na revisão da literatura realizada, observa-se que a temática ainda é pouco abordada, o que torna extremamente necessário prosseguir nesta temática em outros momentos. A pouca produção confirma todo o processo histórico de dizimação física e silenciamento cultural vivenciados pelos povos indígenas. Assim, a Literatura Indígena e seus autores procuram usar da caneta para divulgar sua cultura, para lutar pelas suas causas, para se autoafirmar como grupo, para ser resistência.

Destaca-se, ainda, que o surgimento da Literatura Indígena é muito recente. Emerge em meados da década de 1980, no entanto, vem se expandindo e mais escritores indígenas surgindo, o que evidencia não só a força criativa destes povos, como também sua habilidade de apropriar-se de elementos culturalmente característicos de outros grupos, para benefício próprio. Pois bem, o benefício direto que se faz referência é a utilização da linguagem escrita, como meio de comunicação com a parcela da sociedade não indígena.

Munduruk busca a formação de um público leitor para a sua literatura, voltada para o público infanto-juvenil, buscando fundamentar a criação de seu próprio cânon, paralelo ao cânon literário brasileiro. Observa-se, no entanto, que talvez o ponto fraco dessa literatura, seja que ela ainda não possua um campo de investigação crítico literário estabelecido que lhe dê suporte de valorização social.

À representação de natureza na obra “Sabedoria das águas” constatou-se com a análise que a natureza é representada como quase uma entidade, como sagrada, como a Mãe-natureza, aquela responsável pela sobrevivência desses povos. Exatamente como o movimento dos povos indígenas luta para permanecer, a luta dos povos indígenas pela sua sobrevivência, pois destruindo a natureza com o processo de desenvolvimento econômico, ou seja, a transformação da primeira natureza em segunda natureza. A preocupação do autor com sua obra literária é abrir o leque de possibilidades, adentrar nas lutas do seu povo com a força da sua escrita. Luta que visa manter a Mãe-Natureza provendo tudo que esses povos precisam sobreviver.

Conclui-se, portanto, que Munduruku, com o seu livro Sabedoria das águas pretende ensinar o que as águas têm de sabedoria. Qualquer forma de vida tem a ação das águas, as espécies de flora e da fauna têm, portanto, a ação da água. O próprio corpo humano tem 70% da água. Água é um termo que deve ser falado no plural, águas, as águas da chuva, as águas do ar, as águas dos lagos, dos rios, as águas dos mares, as águas dos lençóis e a água do corpo humano. O mundo da água se intercambia a uma solidariedade e uma retroalimentação entre todas as águas. O planeta terra é aquático, 70% de sua superfície é contido de água. A água ensina as várias possibilidades de uso, o banho propicia o batismo, saciar a sede, fazer a comida, molhar a plantação, estabelecer o metabolismo orgânico de tudo que existe. O bebê é guardado na água do útero, o esperma que fecunda tem uma forma parecida com uma forma líquida. A água, portanto, contempla várias atividades que existem.

A sabedoria das águas também se dá com movimento, o movimento das marés, o movimento das nuvens, o movimento dos rios. A água existe em movimento. É também da sabedoria da água a limpeza, a pureza, a germinação, a fecundação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Geralda de CHAVEIRO, Eguimar Felício; BRAGA, Helaine da Costa (Orgs.). **Geografia e cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008. 313 p.

ALMEIDA, Maria Inês de. "Livros da Floresta". In: ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIRÓS, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

\_\_\_\_\_. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BACHELARD, G. A água e os sonhos: **Ensaio sobre a imaginação da matéria**. Trad. Antônio de Padua Danesi. São Paulo: Martin Fontes, 1989.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. IN: CORRÊA, Roberto Lobato; CALDART, Roseli Salete. **A Escola do campo em movimento**. In: ARROYO,

Miguel. Gonzalez et alli (Orgs.). **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

CABIXI, Daniel M. Sou índio. In: MUNDURUKU, Daniel. **O Banquete dos Deuses**:

Conversa sobre a origem da cultura brasileira. São Paulo: Angra, 2000.

CHAVEIRO. Eguimar Felício. **A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível**. Revista Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 1, n. 2, dez, p.174-186, 2007.

\_\_\_\_\_, Eguimar Felício. **Dizibilidades literárias**: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos, Geograficidade, v.5, n.1, Verão, 2015.

CLAVAL, P. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: EDUFSC, 2007.

FRANCA, Aline, Silveira, Naira Christofolletti, **A representação descritiva e a produção literária indígena brasileira. Transinformação** [online] 2014, 26 (Abril-Sinmes): [Fecha de consulta: 17 de fevereiro de 2019] Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.Oa?id=384334898007>> ISSN 0103-3786

GRAÚNA, Maria das Graças Ferreira. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2003.

LIMA, Sélvia. C. **Escritores Indígenas e Produção Literária no Brasil**: Sujeitos em movimento. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2016.

LIMA, Angelita. P. **Romancidades**: Sujeito e Existência em Leituras Geográficas-Literárias nos Romances A Centopéia de Neon e os Cordeiros do Abismo. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Geografia, da Universidade Federal de Goiás. Goiânia. UFG, 2013.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura Indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**. 2008. Disponível em: [www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena](http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena). Acesso em: 08/01/2018.

\_\_\_\_\_, Daniel. **O banquete dos deuses**: conversa sobre a origem a cultura brasileira. Ed.2, Global Editora, 2009.

\_\_\_\_\_, Daniel. **Sabedoria das águas**. Global Editora, 2004.

SUZUKI, Julio César. **Geografia e Literatura: Abordagens e Enfoques Contemporâneos**. Revista do Centro de Pesquisa e Formação/ Nº 5. Setembro de 2017.

#### **Sites consultados:**

[http://www.grupodeestudostapajos.com.br/site/wpcontent/uploads/2014/04/Sumario\\_AAI.pdf](http://www.grupodeestudostapajos.com.br/site/wpcontent/uploads/2014/04/Sumario_AAI.pdf)

<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Munduruku>

[https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios e o meio ambiente](https://pib.socioambiental.org/pt/%C3%8Dndios_e_o_meio_ambiente)

<http://indigenasbrasileiros.blogspot.com/2016/02/munduruku.html>

## Sobre a Autora

### Damiana Pereira de Sousa

Possui graduação em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (2013). Especialização em Educação em Astronomia também pela Universidade Federal de Goiás (2016). Possui Mestrado em Geografia pela mesma instituição, participa do Grupo de Estudos Espaço, Sujeito e Existência (Dona Alzira) do Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais (LABOTER). Tem experiência em ensino de Geografia e Astronomia.

*Lattes:* <http://lattes.cnpq.br/2935858929184117>

Recebido em Fevereiro de 2019.  
Aceito para publicação em Abril de 2019.